

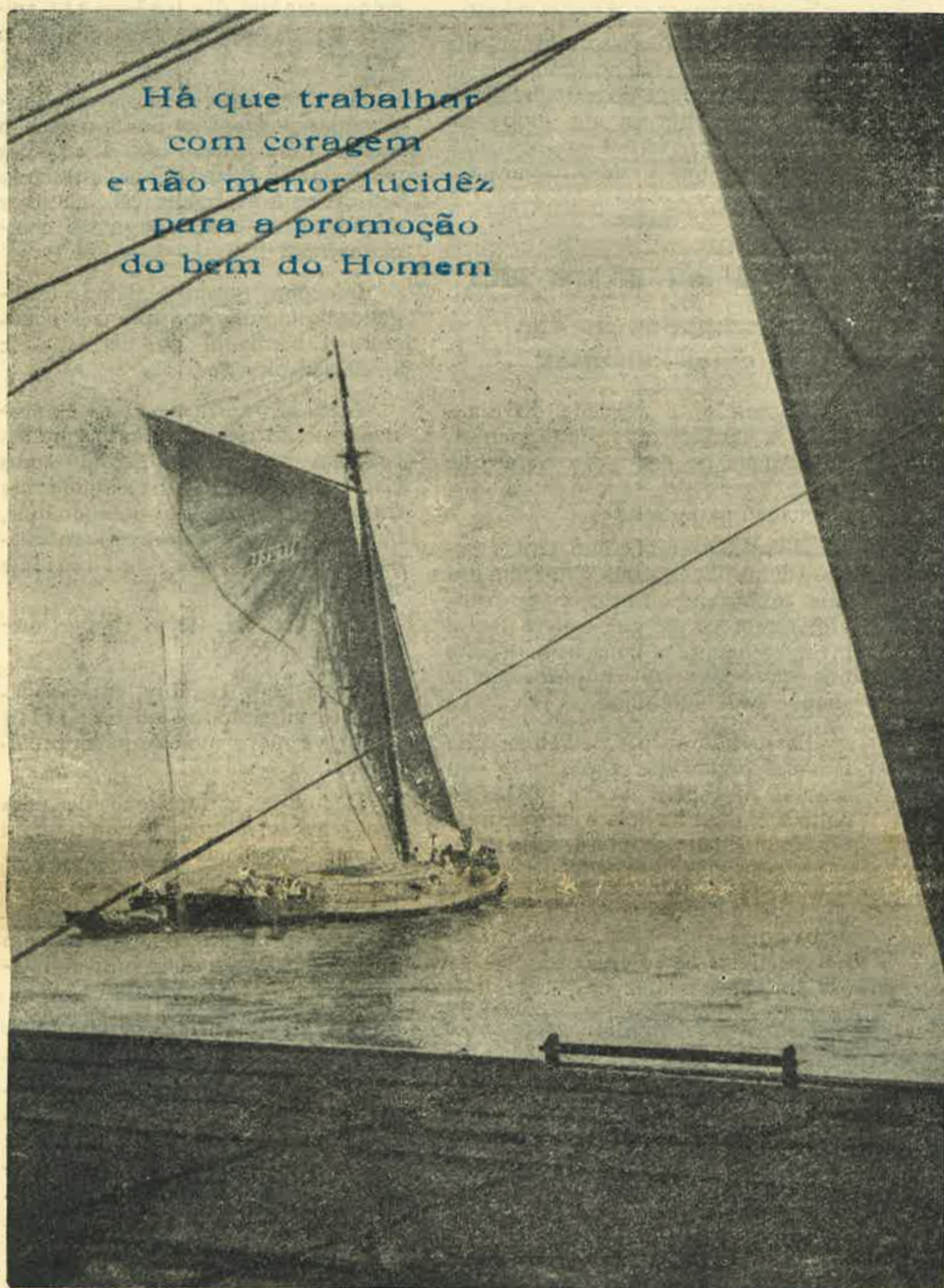
# A VOZ PAROQUIAL

==== Mensário da Comunidade Cristã de Santiago e Maio ====

Propriedade e edição da  
Paróquia de N.ª S.ª da Graça — C. Verde

Director e administrador: Pe. António Figueira Pinto  
Redacção: Armando Ferreira e Luís Cabral

Comp. e imp. Tip. Minerva de C. Verde  
Av. Andrade Corvo, 86 — Praia



## Visita do Presidente do Conselho à Província

Inesperadamente, na manhã do dia 23 de Fevereiro chegou a Cabo Verde o presidente do Conselho de Ministros, professor Marcello Caetano, a fim de "ver pelos próprios olhos a situação do Arquipélago, o estado em que se encontra o povo, quais as providências tomadas e o mais que é possível fazer".

Uma visita de "estudo e inspecção", sem festejos, sem discursos oficiais, como visita de rotina a alguma zona dos arredores de Lisboa.

Deio acompanhado do Ministro do Ultramar, bem como de elementos da Imprensa e da T. D..

Constituíram roteiro as ilhas do Sal, Santiago, Fogo, Brava, S. Vicente e Santo Antão. A S. Nicolau impediu o

de ir esta gripe que a todos nos tem atacado um pouco e que também não o poupou a ele, bem como a alguns dos elementos da sua comitiva.

Apenas, à parte os ilhéus, as ilhas da Boavista e Maio não mereceram a presença do Chefe do Governo. Será que os anunciados projectos turísticos terão gorado?

Em cada ilha o alvo da visita parece ter sido constituído sobretudo pelos trabalhos de estradas, sem dúvida os mais volumosos, quer pelo significado económico para a Província, quer pelo montante de pessoal que sustentam, num esforço directo de resolver

(Continua na pág 12)

## Quem tem medo DO PROGRESSO?

Esta simples frase, porventura sem grande sentido, surgiu-nos por associação quase gratuita, associação que é apenas devida à força do slogan, já que nem sequer conhecemos o filme que correu mundo com um título semelhante. Mas a grande força que no-la levou a acolher situa-se na margem de cá da associação.

Vivemos num mundo colectivamente afectado pela psicose do medo. Há anos, o medo assentava sobre uma realidade bem concreta denominada guerra-fria, com o seu epílogo na questão dos mísseis em Cuba. Outras ondas de medo surgiram com diferentes nomes: guerra química, guerra interplanetária, mísseis intercontinentais, etc. A actualidade do medo é tal que até é afectado pela moda—quem é a pessoa actualizada que, hoje, não sabe dizer duas palavras sobre, o perigo da poluição atmosférica ou marítima?

E quem tem medo do progresso? Aparentemente e paradoxalmente, todos temos medo do progresso. É talvez o ramo mais desenvolvido da nossa psicose do medo. Porque uma coisa é certa: só não existe medo do progresso num grupo social que já conseguiu ou está em esforço de conseguir extirpar a pobreza, e o subdesenvolvimento. Será exagero afirmá-lo? "Não temos feito o que podemos"? Para esta pergunta há uma resposta com mais força: "E quem pode dizer que não podíamos ter feito muito mais"?

Muitas pessoas se escandalizam quando aparece o mais pequeno apelo a uma transformação da vida social. É esta a manifestação mais corrente do espírito conservador. Nos meios religiosos, frequentemente se pensa, aliás contra a opinião do actual Papa (a quem cabe, acima de todos, o nome de Papa do progresso) que basta a cada um "salvar a sua alma" e resignar-se com a sua situação, por boa ou má que ela seja. A isto chamamos um complexo de progresso Marx chamava-lhe outra coisa.

Cabo Verde, na frase eloquente de Adriano Moreira, esteve longos anos à espera de ser Portugal. Mas, e perdoe-se-nos a ousadia de o afirmar, continua ainda à espera de o ser por dentro, isto é, continua à espera de ser mais Cabo Verde para poder ser mais Portugal. Esta conclusão, aliás, surge-nos através das palavras do actual Governo Central a respeito do problema ultramarino.

Continua à espera no plano agrícola, de que sejam exploradas as suas possibilidades latentes e resolvido o magno problema da irrigação. Com água até um deserto é suficientemente fértil para compensar a sua exploração, segundo dizem os técnicos de terrenos.

No plano industrial, nada aperçerá sem programas sérios, e portanto dispendiosos. E tantos outros pontos, demasiadamente conhecidos de todos nós. E, acima de todos, o das comunicações e informação, indubitavelmente deficientes.

Num mundo ericado de convulsões em todos os recantos e a todos os níveis, a actualidade de palavras como revolução ou evolução é evidente. Quem pode afirmar que o mundo está bem tal como está? Seria temerário, sob qualquer ponto de vista.

E para acelerar a evolução só há que trabalhar com coragem e não menor lucidez, para a promoção do bem do homem, de todos os homens. Para que serve, pois, ter medo do progresso?

A promoção do homem e a justiça.

(Página três)

Poemas.

(Página cinco)

Igrejas em Cabo Verde.

(Páginas centrais)

N  
E  
S  
T  
E

N  
Ú  
M  
E  
R  
O

# ACTUALIDADE CABOVERDEANA

## Tarrafal

Mais uma folha do Calendário voltada e mais um novo ano na nossa vida— O ano de 1971.

Entrada quase despercebida nesta pacata Vila do Tarrafal, sem aquela alegria viva e entusiástica dos anos passados, talvez devido à crise que estamos atravessando.

### Ambulância

Pedimos a Deus que este ano agora começado não nos deixe sem a prometida ambulância que tanta falta faz e se possível uma Maternidade, além de tantas outras necessidades, que por certo os responsáveis não terão deixado de incluir na sua agenda.

### Novo Enfermeiro

No dia um deste Janeiro corrente chegou a esta Vila o enfermeiro senhor Napoleão Fernandes que vem substituir o seu colega senhor Manuel Borges e esposa senhora Amélia que foram transferidos para a Praia. Dada a falta que faz, principalmente às Senhoras, esperamos que a substituição da excelente Enfermeira seja para muito breve.

### Navio Mindelo

O N/Motor Mindelo na sua viagem inaugural escalou o nosso Porto com satisfação geral e dada a sua utilidade esperamos que a escala por nosso porto seja o mais regular possível.

### Festa de Santo Amaro

No passado dia 15, feriado Municipal, festejou-se o padroeiro da nossa freguesia—Santo Amaro. Embora sem a concorrência de outros tempos, a festa esteve bastante animada tendo sido a Santa Missa concelebrada pelos reverendos senhores padres Moniz, Luiz Aleaz e Teles, que deslocaram de Santa Catarina a esta Vila. A homilia do reverendo sr. padre Teles agradou a gregos e troianos. Após a procissão e o almoço oferecido pelos juizes da Festa, Exmo. senhor Eduardo Fontes e Esposa Exma. senhora D. Regina, disputou-se no campo da Vila um desafio de futebol entre as equipas do Atlético local e um grupo do Pelotão destacado no Campo de Trabalho, tendo o Atlético saído vencedor por 5 bolas contra uma.

Lela

## Calheta de S. Miguel

Apesar dos tempos em que estamos a vida continua e com ela o progresso que sempre temos gosto em registar.

### Estrada

A estrada encontra-se calcetada até Ponta Verde. O apoio à população merece a nossa gratidão:

### Escolas

Últimamente as crianças das escolas passaram a receber meio litro de leite.

### Cemitério

Mas os nossos mortos continuam a queixarem-se amargamente porque a sua última morada não tem porta.. Dizem as más línguas que a Câmara já as mandou fazer, mas... quem precisa do lume vai buscá-lo!

### Deslocações

A irmã Arlinda Vaz, das irmãs Reparadoras, que veio visitar a mãe e a sua linda Ribeireta, demorou-se apenas um mês entre nós, edificando todos pela sua simplicidade e modestia, já embarcou para a Itália.

Partiram para Lisboa os snrs. Olímpio Tavares Baessa, de Calheta Pedro Vaz Landim e Joaquim Nascimento Tavares (Chico), de Ribeireta.

Regressou ultimamente da metrópole o nosso regedor, sr. Olímpio António Silva, que já retomou as suas funções.

### Bodas de Prata

E para terminar, uma notícia que a todos há-de alegrar: o nosso pároco completará em 20 de Fevereiro próximo 25 anos de permanência em Cabo Verde. Deus lhe conserve vida e saúde para continuar no meio do seu povo a obra começada

## Órgãos

### NATAL

O Natal nos Órgãos foi preparado com azáfama. Assim, calçeteu-se grande parte do adro devido à boa vontade de todos. Colaboraram desde as crianças até às pessoas crescidas. Bem hajam.

Como nos anos anteriores, realizou-se o já tradicional teatro que foi muito concorrido, culminando com a celebração eucarística. Eram já 4 horas da madrugada quando começaram a dispersar.

A irmã Maria Alice distribuiu enxovais de bebé às mulheres grávidas da paróquia que compareceram a todas as doses da vacinação.

### Desastre

Pela tarde da vigília de Natal houve um ponto negro, no meio da alegria reinante, que entenebreceu a noite de Natal—um desastre junto à variante para S. Tiago em que se envolveram o "Funa", com o seu tractor, ficando gravemente ferido, um jovem motociclista da Praia, também gravemente ferido e um filho do catequista João Cabral, dos Órgãos Pequenos, que perdeu a vida. Escaparam utesas umas mulheres que estavam junto da criança.

### Escolas

As crianças das escolas, dentro do programa de assistência à população, começaram a receber meio litro de leite nos intervalos das aulas.

Em frente ao Posto Sanitário de João Têves crescem de dia para dia os muros da nova escola que virá enriquecer as infra-estruturas do ensino primário nesta freguesia.

Não queremos deixar de registar a emulação tão dignificante de dois jovens que porfiaram a praticar o Bem: Como a zona da Montanha e Boca Larga não tivesse este ano encontrado um professor de adultos subsidiado pelos serviços oficiais, o Ivo da Montanha ofereceu a renda da sua casa ao professor Domingos Semedo a fim de que os adultos daquela zona não ficassem sem escola. Por sua vez o professor Domingos prontificou-se a leccionar gratuitamente. Então o Ivo, não desarmando, ofereceu um petromax àquela turma escolar.

### Catequese

Levou-se a bom termo o ficheiro da catequese da paróquia que vem enriquecer mais as fontes de informação e trabalho no sector das crianças. É de louvar o esforço dos jovens que realizaram esta obra,

### Artesanato

O artesanato, neste seu início balbuciente, parece que vai tomar novos rumos. A firma SERBAM está interessada em dar todo o apoio possível a este empreendimento da Família, Agrária, e prontificou-se a colocar no mercado os artigos manufacturados.

### Estrada

A estrada de acesso à Montanha foi retomada, encontrando-se nela grande quantidade de trabalhadores. Está a construir-se um dique em João Têves que fará a sua ligação à estrada principal Praia-S. Catarina.

## Dia a dia mês a mês

### A complicação das coisas simples

Aprender a verdade do dia a dia é a verdadeira tarefa de pensar. A verdade no dia a dia. Será que existe a verdade sem o dia a dia, chamada intemporal?

Discussão inútil, como tantas outras, demasiadas, aliás E o facto ensina tanto, pelo menos, como o livro. Acontece até que o livro tende invariavelmente a complicar o facto nos dá lições de simplificação e simplicidade autêntica.

Passeando na praça, hábito que tem um pouco de todos nós, ou sentado na esplanada da nossa cidade apreendi há dias a extraordinária simplicidade da coisa mais complicada da vida: a convivência.

A banda toca coisa que aos ouvidos adultos parecem, com razão, bem defíceis de se ouvir. As crianças, porém, e às dezenas, nada mais exigem. E dançam.

As cores do rosto dizem tanto para elas, como as cores dos vestidos. E por isso elas aderem à cor sem problemas, conseguindo a variedade mais pura e mais alegre do mundo. Enquanto os adultos calculam, elas resolvem, convivendo em amizade e descontração total.

Para o adulto, nada mais complicado que a abordagem do outro, ele ou ela Complicação que é, afinal, a complicação das coisas simples...

## M a i o

### Gado

Começam a rarear as pastagens em algumas zonas. Intensifica-se a exportação de gado pela força das circunstâncias.

### Pesca de lagosta

Permaneceram durante várias semanas nesta ilha dois barcos lagosteiros explorando os bancos deste crostácio situados na nossa ilha, tendo exportado quantidade destes espécimes para o Sal. Esperemos que em próximas épocas volte a abundar esta fonte de economia.

### Estrada

Aguarda-se com expectativa o começo da prevista construção da estrada que ligará a Calheta à vila, cujo início estava previsto para o princípio do ano corrente.

### Capela-escola

Com nova ajuda do governo da Província poderá prosseguir a construção da capela-escola de Morrinho

podendo a população desta localidade passar a usufruir de local para o culto e para o ensino.

## Irmãs Missionárias do Espírito Santo

Passou a 6 de Janeiro p. p. o cinquentenário das irmãs o 25.º aniversário da sua chegada a Cabo Verde.

A Congregação das irmãs missionárias do Espírito Santo começou assim: uma jovem da Lorena (França)? Eugénia Caps, querendo dedicar-se à evangelização dos mais abandonados, reúne algumas companheiras.

Descobre a espiritualidade evangélica dum outro apóstolo, o p. Francisco Libermann, que corresponde às suas aspirações.

Após a guerra de 14-18 os missionários do Espírito Santo, que sucederam aos padres Polouins nos Camarões sentem a necessidade do trabalho de religiosas missionárias, que julgam indispensáveis ao estabelecimento de bases da família cristã na África.

Eugénia Caps e as colegas oferecem-se à Missão.

Monsieur Le Roy, então superior dos missionários do Espírito Santo, vê nisso uma resposta providencial.

Decide-se a fundação de uma congregação religiosa feminina com o nome das irmãs missionárias do Espírito Santo.

A 6 de Janeiro de 1921 constituiu-se a primeira comunidade com Eugénia Caps e duas suas companheiras.

Em 1924 as irmãs partem rumo às Antilhas, Camarões, Madagascar.

O instituto consagra-se ao Espírito Santo e ao Imaculado Coração de Maria. É de direito pontifício e está dependente da Sagrada Congregação para a evangelização dos povos.

E internacional.

Entrou em Portugal em 1941 onde conta actualmente com uma centena de irmãs.

Os principais objectivos do trabalho das espiritanas são a promoção da mulher e a formação cristã pelo desenvolvimento sob todas as suas formas: catequese, ensino, acção social, formação de animadores e responsáveis de Acção Católica.

Na África, exercem a sua missão na República do Senegal, Camarões, República Centro-africana, Congo Brazza, Angola, Cabo Verde.

Trabalham também nas Antilhas: Guadalupe e Martinica.

A Cabo Verde — Santiago — chegaram em 20 de Fevereiro de 1946. As primeiras 4 irmãs destinavam-se ao hospital da Praia e ali tomaram a seu cuidado duas enfermarias.

Em 47 chegou mais uma que veio abrir um centro de formação feminina numa dependência do hospital, agora a funcionar na Cruz Vermelha.

Já mais numerosas, em 1951 puderam estender a sua acção a Santa Catarina, ali abrindo um dispensário e um novo centro de formação feminina.

Cresceu ainda o número e aumentaram as actividades, sendo aberta uma creche na cidade da Praia em 1954; em 1956 o dispensário da

(Continua na pág. 8)



da

P  
R  
A  
I  
A

# A Promoção do Homem E A JUSTIÇA

## Regresso do Sr. Governador

Regressou de Lisboa no dia 11 o Governador da Província, Brigadeiro Lopes dos Santos que, em breve cerimónia de retransmissão de poderes afirmou:

"Volto com a certeza de que Cabo Verde pode continuar a contar com a ajuda da metrópole para a solução dos seus problemas, não apenas os resultantes da actual conjuntura ocasionada por três anos consecutivos de secas, sobretudo, com vista a acelerar o desenvolvimento económico do território".

## Cais acostável

A população da Praia, ansiosa pelo progresso da cidade, segue com expectativa os preparativos para a construção do cais acostável.

A comunicação à Assembleia Nacional do deputado por Cabo Verde Dr. Bento Levy pedindo para o caso uma solução de futuro e, ultimamente, um ofício do Ministro do Ultramar, igualmente lido na Assembleia Nacional, afirmando a possibilidade de ser iniciada a referida construção ainda no corrente ano pro-

Preveem os Serviços camarários o alargamento das referidas redes aos subúrbios; oxalá não fiquem os seus habitantes sujeitos aos tradicionais planos de obras de Santa Engrácia.

## Nova linha de navegação

Foi inaugurada no dia 15 um serviço combinado da Companhia de Navegação e da Sociedade Geral de Comércio e Transportes entre o Mediterrâneo e Angola feito pelos navios Moçamedes, Rovuma, Bragança e Alcobaça, que farão escala no porto da Praia.

Significa isto que teremos finalmente um serviço de comunicações marítimas para o exterior em condições bastante satisfatórias, com 6 escalas mensais em cada sentido.

## Transportes urbanos

Será adjudicado pela Câmara Municipal em concurso a que se candidatou apenas a firma A. C. de Sousa um serviço de transportes urbanos para os subúrbios.

Daquela firma recebemos informação de que serão empregados 2 autocarros de cerca de 15 lugares



local provável do futuro cais, por detrás da Praia Negra

vocou um legítimo gozijo em todos aqueles que desejam um Cabo Verde mais inserido no nível de progresso e participação na vida mundial que caracteriza os nossos dias.

## Escola de Música

Entrou em funcionamento no passado dia 12 uma escola de música, primeira iniciativa do Clube de Amadores de Música da Praia, ainda em fundação.

Esta escola, que ministrará ao longo de 5 meses um curso de iniciação integrando as disciplinas de Solfejo, Cultura Musical e Iniciação instrumental, e cujos professores são os snrs. Luís Cabral, Armando Ferreira, p. Afonso Cunha e sargento Joaquim Safara, está a funcionar com duas turmas de 50 alunos cada e três aulas semanais para cada turma.

Neste primeiro curso a escola ministra ensinamento de órgão, bateria, violino, saxofone e viola.

## Redes telefónica e eléctrica

Encontra-se em adiantado curso a instalação de novas redes telefónica e eléctrica, quer subterrâneas quer à superfície, que atingirão o extremo da Fazenda. Pena é não se ter adoptado uma solução com mais futuro, instalando redes totalmente subterrâneas.

sentados e vinte de pé cada em duas carreiras com os seguintes trajectos: Praça Alexandre de Albuquerque, Fazenda, Vila Nova, Achadinha, Praça Alexandre de Albuquerque; e Praça Alexandre de Albuquerque, Alfândega, Achada de Sto. António, Alfândega, Praça. Esta última carreira poderá ter um desvio para a Praia aos sábados e domingos.

## Bairro Cravelro Lopes

Novas habitações económicas se estão erguendo junto do Bairro Cra-

Continua na 8 pág.

Muitos sermões recordam ao homem os seus deveres, mas raramente os seus direitos de libertos. Direitos a um salário justo, a um salário que não seja um insulto à dignidade humana; direito a um trabalho que não se converta lentamente em homicídio; direito a uma instrução que não constitua ruína para a economia familiar; direito a uma livre expressão; direito ao não-conformismo, etc. Tudo isto os anunciadores da Boa Nova devem fazer com uma grande coragem profética, com aquela que animou o espírito e a acção dum Luther King, ou que anima ainda o espírito dum Helder Câmara, para citar apenas dois exemplos. Este último, arcebispo sul-americano, vem sendo considerado por algumas como um comunista, um agente de Pequim ou de Moscovo, um representante de Fidel Castro. Porquê? — Por que luta pela promoção dos seus irmãos miseráveis no Brasil, condena as opressões e injustiças dos ricos e do governo. Sim, hoje todo o profeta que em certos meios se levanta para defender a causa do pobre e do oprimido é imediatamente colocado no role negro dos comunistas, mas os que assim fazem não bem o que sabem o comunismo,

Dissemos que urge uma colaboração entre a Igreja e o Estado no sentido de o levantar do seu "status quo". Ora essa colaboração não significa que a Igreja deva identificar-se ao Estado como, infelizmente, pode acontecer em alguns países.

Muitas vezes é o medo de perder regalias, privilégios, amizades, que leva alguns a conservar o silêncio perante as injustiças.

Mas calar nessas circunstâncias é colaborar com as forças da opressão. Tantas guerras, revoluções, descontentamentos, são precisamente consequências de injustiças. Daí a necessidade de se lutar contra as injustiças. se se quer a Paz. A paz, a verdadeira Paz, a paz não imposta, não é outra coisa senão consequência da justiça.

Lutar evangélicamente para a mudança das estruturas sociais opressoras, arcaicas e anacrónicas é um dever urgente do nosso tempo em vastas regiões do globo. Os pobres estão cansados de ouvir belos discursos, carregados de promessas e triunfalismo. É urgente agir, sem esperar que a vergonhosa resignação a que estão votados se converta em violência e sangue. E o subdesenvolvimento do corpo provoca o subdesenvolvimento e o raquitismo da alma. Seria injusto gritar "bem-aventurados os pobres" quando encontrássemos um pobre que padecesse fome ou nudez. A religião converter-se-ia, de novo, em "ópio

do povo", em alienação, em rateira para o homem.

Hoje pergunta-se se o marxismo não estará dando uma resposta mais satisfatória ao homem. É uma tentação que na compreensão global deve ser ejeitada. Porém, é certo que a Igreja de hoje se debruça sobre os problemas marxistas e olha para algumas das suas soluções com grande respeito, desejando mesmo que nos seminários o marxismo seja bem conhecido pelos seminaristas, para devidamente o aquilatarem. É que a Igreja reconhece que a humanização do mundo não é um monopólio seu, mas tem de ser levada a cabo por todos os homens, sem distinção de raças, credos ou ideologias. Bastará ler os discursos feitos, pelo papa durante a sua viagem apostólica à Ásia, para chegar a tal conclusão.

Não há hoje revista que se não ocupe destes dois temas, pois que adquiriram uma dimensão mundial. Hoje mais do que nunca diversos sectores da Igreja estão tomando consciência da grande responsabilidade cristã no campo social. É que hoje ela toma o homem na sua situação espacial e temporal. Ela encontra o homem não suspenso do ar, mas como membro de uma sociedade e como súbdito de um sistema político que o condiciona. Se ela prescindir destes dois condicionamentos será certamente imperfeita na sua missão.

Infelizmente, muitos sistemas políticos negam à Igreja uma função social e rejeitam toda e qualquer interferência da Igreja quando se levanta para condenar situações injustas dizendo que a Igreja "não pode fazer política" e que a sua missão é puramente espiritual: conduzir as almas ao céu.

Todos nós estamos de acordo em que a Igreja não deve fazer política, mas uma coisa é "fazer política", outra é condenar os pressupostos duma que oprima a alma e o corpo do homem. A política, portanto, não cabe no Evangelho, mas é julgada pelo Evangelho. Não existe a Igreja que, duma parte, trabalha para a alma, e o governo, doutra parte, trabalhando para o corpo, mas as duas forças trabalham com um mesmo fim: a promoção total do homem, alma e corpo.

Há um dever muito grande que os anunciadores da Boa Nova esquecem, muitas vezes: precisamente a consciencialização do homem no que diz respeito aos seus direitos, afim de que ele não seja um "eterno resignado".

FIDALGO

## Wladimir I. de Meneses B. Vicente

### REPRESENTANTE

dos afamados pneus e câmaras de ar Firestone e Toyo

óleos e aditivos Bardhal o Dukham's

### VENDEDOR DE

acessórios para automóveis e camionetas, e ferramentas  
diversa -- compressores e ferramentas -- pneumáticos «Atlas Copco» -- moto-bombas «Petter» e «Villiers» -- velas de ignição «Zr» e baterias «Arga» -- artigos de papelaria e de escritório

# CASA LEÃO

DE

Nunes Leão & Irmão



Relógios

Aparelhos-Rádio

Máquinas fotográficas

Tecidos

Camisas

Retrozaria

## Sérgio Barbosa Mendes & Filhos Lda.

com a maior gama de

artigos à disposição

neste 1971, um ano

de maior progresso

e conforto para si.

## António Gomes Barbosa

sapataria

camisaria

mercearia

## Minerva de Cabo Verde

Edifício Próprio

Telefone, 219 — Caixa Postal, 36

PRAIA — CABO VERDE

### Trabalhos Tipográficos em todos os géneros



AVENIDA ANDRADE CORVO, 86

Impressos — Facturas —  
Cartões de visita — Car-  
tonagem — Postais — En-  
velopes — Encaderna-  
ções — Trabalhos em re-  
levo — Trabalhos a co-  
res — Etc. Etc.

EXECUÇÃO RÁPIDA  
E PERFEITA A PREÇOS  
SEM CONCORRÊNCIA



Rua Tenente Valadim 51

## CASA FEBA

artigos de senhora

artigos de criança

vidraria

## C. de Vasconcelos Herd. Lda.

Moto-bombas

Kawasaki

e Goodenough,

equipadas com motores

Lister e Petter.

Tubagens

# CANTOR DA ESPERANÇA

O sol raiou,  
cantores da esperança,  
entoai cantos  
de amor e paz.

Cantai por noites  
de escravidão  
que já passaram  
e passarão

Cantai o sol  
enquanto brilha,  
cantai a água  
enquanto espelha

Enquanto as flores  
a vida aclamam,  
enquanto as dores  
não se aproximam.

Enquanto as aves  
têm vontade  
de chilrear  
a liberdade.

Cantores da esperança  
cantai o amor,  
porque ele também  
pode acabar.

Cantai enquanto  
existe a paz,  
palavra doce  
e bem fugaz.

Enquanto não  
falam canhões  
a defender  
civilizações.

Porque os profetas  
podem cansar-se  
e os poetas  
podem calar se.

Mas tu, cantor,  
cantor da esperança,  
espera sempre,  
tem confiança.

E quando, um dia,  
Apocalipses  
ouvires gritar,  
Ergue-te e canta  
porque a esperança  
tem de ficar!

P  
O  
E  
M  
A  
S

L  
U  
Í  
S

C  
a  
b  
r  
a  
i

## Caminha

Caminha, vence e constrói  
porque amanhã já será tarde,  
liberta, acusa e destrói  
as injustiças e caminha.

Caminha mesmo sabendo  
que não existe um só caminho,  
Faz-te humilde e vai andando,  
vai cimentando o teu destino.

Porque amanhã já será tarde  
e hoje mesmo não é cedo,  
porque nas bermas da estrada  
crescem os males sem segredo.

Porque se hoje não caminhas  
a morte enfim te encontrará  
Mas se estiveres caminhando  
ao menos morrerás de pé.

E queima num ideal  
o fogo que em ti arde.  
Caminha, vence e constrói  
porque amanhã será tarde.



# I G R E J A S E M

## resumo histórico do anúncio pelas Igrejas do Nazareno, Adv.

### Igreja do Nazareno

Entre os muitíssimos naturais da ilha Brava que durante o último quartel do século passado emigraram para os Estados Unidos da América do Norte, em busca de melhores horizontes, encontrava-se João José Dias. Deixara a terra natal, levando no coração um pro-

4. Aquele que morre impenitente perde-se sem esperança e eternamente.

5. A expiação por Cristo é para toda a raça humana; e todo aquele que se arrepende e crê no Senhor Jesus Cristo é justifi-

POR

**António Nobre Leite**

Pastor Evangélico

fundo desejo: tornar um dia às suas ilhas. Com efeito, decorridos alguns anos, Deus permitia-lhe satisfazer este desejo.

Ali na América, João Dias escutou as boas novas de salvação, converteu-se em 1896 ao Evangelho e, movido pelo Espírito, reconheceu que devia fazer algumas restituições e viver uma vida de santidade. Cedo Deus o chamava para vir para as suas ilhas e transmitir ao seu próprio povo o Evangelho, "Poder de Deus para a salvação de todos os que crêem."

Em 1 de Fevereiro de 1901, iniciou o seu ministério na Ilha Brava, onde permaneceu até 1936, quando jubilando, regressou aos Estados Unidos. Durante o seu ministério João Dias visitou outras ilhas do Arquipélago, onde pregou o Evangelho.

Em 1936 chegou a Cabo Verde o missionário Everet D. Howard, depois de ter estado alguns meses em Lisboa para estudo da nossa língua. para continuar o trabalho de João Dias. Everet Howard foi o grande impulsionador desta Obra. Sob a superintendência dele igrejas foram edificadas. Como ele, outros denodados missionários têm dado o seu contributo para a expansão do Evangelho e desenvolvimento da Igreja do Nazareno neste arquipélago.

A Igreja do Nazareno é internacional, estando estabelecida em mais cinquenta países. A sua Sede encontra-se localizada em Kansas City, Missouri. Adopta o seguinte credo:

1. Há um só Deus: o Pai o filho e o Espírito Santo.
2. As Escrituras do Velho e Novo Testamentos são de inspiração divina e contém toda a verdade necessária à fé e à vida cristã.
3. O homem nasce com uma natureza caída e é, portanto, continuamente inclinado para o mal.

ficado e regenerado e salvo do domínio do pecado.

6. Os crentes devem ser totalmente santificados, depois da sua conversão, mediante a fé em nosso Senhor Jesus Cristo.

7. O Espírito Santo testifica do novo nascimento e também da inteira santificação dos crentes.

8. Haverá a Segunda Vinda de Nosso Senhor, a Ressurreição dos mortos e o Juízo Final.

O propósito da Igreja do Nazareno nas nossas ilhas tem sido pregar o puro Evangelho de Jesus Cristo que salva o homem dos seus pecados, levando-o a ser melhor cidadão.

As regras gerais e especiais da Organização exigem dos seus membros uma vida disciplinada de total abstinência do álcool e do tabaco, moderação nos costumes, não frequência de certos lugares pecaminosos e uma vida de santidade.

A Igreja do Nazareno encontra-se estabelecida em todas as ilhas do arquipélago, onde já tem erguido dezenas de templos, para a glória de Deus. Tem um seminário na cidade de Mindelo, para preparação de novos obreiros e, na mesma cidade, uma imprensa—Editora Nazarena—que vem publicando alguns periódicos, tais como, Epístola, Lâmpada, Alvorada, Seara Nazarena etc, que se destinam à Escola Dominical, serviços da Juventude, informação e edificação dos fiéis da mesma Congregação.

Actualmente, 15 pastores nacionais, sob a superintendência do missionário britânica Rev. Samuel C. Gay que se encontra em Cabo Verde há cerca de 32 anos, cuidam do rebanho nazareno disperso pelas ilhas e dirigem o nosso povo para Aquele que afirma ser "O CAMINHO; A VERDADE E A VIDA."

### Igreja Adventista do 7.º Dia

Erradamente conhecida por "Sabatista"

Foi em 1933 que o emigrante cabo-verdeano António J. Gomes, natural da Brava e residente em Califórnia, veio passar umas férias à sua terra natal. No seu coração trazia algo que o tornara um homem diferente do passado e que inundava de paz sua vida. Lá conhecera a Igreja Adventista do 7.º Dia que o convidara a estudar a Bíblia Sagrada podendo ver nela narrados os exemplos maravilhosos da vida dos Patriarcas, Profetas, Apóstolos e acima de tudo a do próprio nosso Senhor Jesus Cristo.

Suas férias foram dedicadas a transmitir a seus familiares e amigos seus conhecimentos do Sagrado Livro, procurando incutir neles também o desejo de estudá-lo. Nasceu

a Obra tem continuado embora lentamente.

Presentemente temos igrejas estabelecidas apenas em quatro ilhas, respectivamente, Brava, S. Vicente, Fogo e Praia (Santiago), cada igreja tendo uma escola primária. Em algumas das outras ilhas temos alguns membros, mas a falta de missionários nos tem impedido de ali estabelecer outras igrejas. Porém, a exemplo de nossa Obra em todo o mundo como podemos ver em Angola, nosso desejo e objectivo é fazer acompanhar a pregação do Evangelho Eterno da obra médico-missionária, ensino de artes e ofícios, estabelecimento de escolas secundárias, casas publicadoras e tudo quanto possa ajudar nossos irmãos

POR

**Abílio António Ferreira**

Pastor

o interesse no espírito de muitos e assim em 1935 de Lisboa se deslocou o primeiro missionário, alma abnegada que já descansa na Esperança da ressurreição. Outros vieram para continuar anunciando as Boas Novas da Salvação e assim, ainda que com dificuldades idizíveis

de Cabo-Verde nesta curta peregrinação rumo à Pátria Celestial.

Resta-nos agradecer à Direcção deste jornal por esta oportunidade e talvez muito em breve poderemos dizer algo mais substancial sobre o que é a Igreja Adventista do 7.º Dia.



TEMPLO DA IGREJA DO NAZARENÔ  
NA CIDADE DA PRAIA

# C A B O V E R D E

## do Evangelho no arquipélago da do 7.º dia e Católica Romana

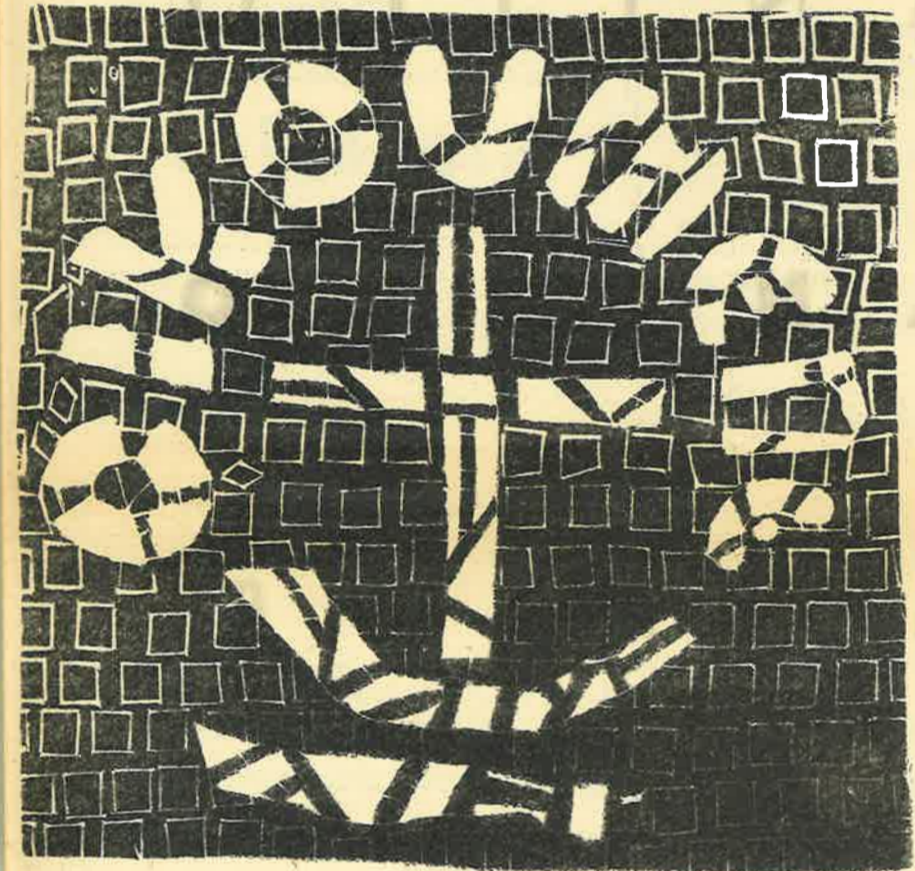
### ECUMENISMO

Um dos factos mais palpitantes do Concílio Ecuménico do Vaticano II é sem dúvida o sinal do Ecumenismo.

Etimologicamente, ecumenismo deriva de "Oikaumene Ge", que significa "terra habitada".

Em âmbito profano é substituída por "mundialização, planejarização, comunidade internacional, democracia humana".

No âmbito religioso adquire o significado preciso de Movimento Ecuménico".



Segundo o Concílio Ecuménico do Vaticano II, "ecuménico" guarda o sentido de concílio de e para a Igreja da terra habitada, concílio universal".

Por movimento ecuménico entendem-se "as actividades e iniciativas suscitadas e ordenadas segundo as várias necessidades da Igreja e as oportunidades dos tempos, para promover a unidade dos cristãos. Tais são: em primeiro lugar, todos os esforços para eliminar palavras, juízos e acções que, em equidade e verdade, não correspondem à condição dos "irmãos separados" e, por isso, tornam mais difíceis as relações com eles; depois, o "diálogo" estabelecido entre peritos competentes, em reuniões de cristãos das diversas igrejas ou comunidades religiosas, em que cada qual explica mais profundamente a doutrina da sua comunhão e apresenta com clareza as suas características. Com este "diálogo", todos adquirem um conhecimento mais justo da doutrina e da vida de cada comunhão... Todos examinam a sua fidelidade à vontade de Cristo acerca da Igreja e, como convém, empenham-se vigorosamente no trabalho da renovação e da reforma... (U. R. n.º 4)

Em todo o mundo, no mês de Janeiro, celebrou-se a Semana da Unidade de todos os cristãos. E, como em Cabo Verde existem três denominações religiosas, damos um testemunho de cada uma delas; o primeiro passo para uma abertura consciente e responsável ao diálogo ecuménico.

Amavelmente a Igreja Adventista do Sétimo Dia, a Igreja do Nazareno, a Igreja Católica, por intermédio de um dos seus responsáveis, colaboram nesta primeira iniciativa em terras Capoverdeanas.

Que este contributo conduza a reflectir nas mais profundas exigências da reforma que se prepara para todos.

### Igreja Católica Romana

Com os primeiros colonos im plantou-se a Igreja em Cabo Verde, sendo criada a Diocese pela Bula PRO EXCELLENTI de Clemente VII em 31 de Janeiro de 1953.

A falta de documento não nos permite uma história pormenorizada do seu quase meio milénio de existência, mas tudo nos leva a crer que viveu em crise quase permanente de assistência religiosa: o Padre António Vieira, a caminho do Brasil, portanto em Ribeira Grande, escrevia ao seu Superior em Lisboa— "as almas estão em extrema necessidade espiritual porque não há religiosos que as cultivem": o Provincial dos Capuchinhos recebera um officio do Rei, em 1781, deplorando o estado religioso desta Diocese e prometendo certas regalias e novos proventos a todo o sacerdote, confessor ou pregador que voluntariamente quisesse servir a Deus nas Missões de Cabo Verde: e, finalmente, em 1941, o senhor D. Rafael Maria da Assunção, então Bispo resignatário, afirmara: "ao entrar na Diocese encontrei apenas 18 sacerdotes, dos quais só dois tinham menos de 50 anos, e quatro já estavam na casa dos setenta".

Dos 33 Bispos da Diocese, muitos tomaram posse na metrópole, mas não chegaram a terras de Cabo Verde o que explica o facto da Diocese passar, no total, 150 anos sem Bispo residencial.

Porém, não devemos ser demasiadamente derrotistas: por estas terras passaram verdadeiros apóstolos, cheios de zelo, dedicação, espírito de sacrifício e autêntica santidade, como D. Francisco de Agostinho, D. João de Faro, D. Pedro Jacinto e D. José Alves Feijó, para só falar nos maiores, vultos de excepcional grandeza que vincularam bem o seu nome nas páginas da história desta Diocese.

A partir de 1941, a Diocese saiu do marasmo em que viveu longos séculos, e começou-se uma nova etapa de um surto religioso, cujos frutos são bem palpáveis nas 30 paróquias deste Arquipélago. O iniciador desta nova era foi o senhor D. Faustino Mcreira dos Santos, com longa experiência de 30 anos nas lições apostólicas de Angola, que a morte nos roubou em 26 de Julho de 1955.

A sua primeira preocupação foi o recrutamento de pessoal missionário. Filho de Libermann, recorreu à Congregação do Espírito Santo, que, solícitamente, o atendeu. Bateu à porta de outras Congregações Religiosas. Os Salesianos, em 1943, enviaram 3 padres e 3 irmãos auxiliares e os Capuchinhos de Turim 7 padres em 1947. As Irmãs do Amor de Deus ouviram o seu apelo em 1943, e as Irmãs do Espírito Santo em 1946. Recebeu alguns seminaristas em S. Nicolau, vindos da metrópole com o curso teológico

quase completo, e ordenou 6 padres seculares. Finalmente, em vésperas da sua morte, chegaram mais 3 padres Capuchinhos, sendo estes da Província de Roma. Ao morrer, sentiu a consolação de ver todas as paróquias da Diocese com um padre residencial ou, pelo menos, um padre encarregado que as visitava frequentemente.

A segunda preocupação do senhor D. Faustino foi a construção de novas igrejas, ou a reparação das antigas, bem como a aquisição de Residências paroquiais. Durante os 14 anos incompletos do seu governo pastoral concluíram-se 5 igrejas paroquiais e iniciaram-se 4; edificaram-se 14 capelas, repararam-se 15 igrejas e 6 capelas, compraram-se 9 residências paroquiais e construíram-se 6.

Com pessoal missionário e igrejas, as almas, necessariamente, deixaram-se aquecer pelo Sol vivificador de Cristo e, pouco, pouco começou a ressurreição espiritual de Cabo Verde. Como fruto espontâneo de uma caridade cristã, criaram-se Orfanatos, Creches, Dispensários, Escolas de Lavouras, Conferências de S. Vicente de Paulo e Escolas paroquiais. Nem tudo ficou feito, mas iniciou-se uma obra que haveria de se perpetuar.

Em 18 de Agosto de 1956 entrou nesta Diocese o senhor D. José Filipe do Carmo Colaço. Seu programa foi continuar a obra já começada, aperfeiçoá-la, intensificá-la e vivificá-la à sombra de Cristo e dar à Diocese um Seminário, que o Governo fechara por Lei n.º 701, de 13 de Junho de 1917.

Passaram-se 14 anos, e os factos comprovam a realização de um programa Natural de Goa. Enriqueceu o quadro missionário com novos padres, vindos dessa nobre e antiga Arquidiocese, e chamou para Cabo Verde as Irmãs Reparadoras, actualmente a trabalharem na Ilha do Fogo. Mais 4 Igrejas foram inauguradas, novas Capelas levantadas e novas Residências paroquiais, feitas ou compradas. Organizaram-se os quadros da Acção Católica e da Legião de Maria, desenvolveram-se as escolas paroquiais fomentou-se o ensino religioso nos liceus e nas escolas oficiais, intensificou-se e estruturou-se a Catequese e vê-se Cabo Verde caminhar para uma Igreja viva, consciente e responsável. Mas a obra querida do senhor D. José, a que ele mais generosamente devotou o seu esforço, é, certamente, o Seminário Aberto em 7 de Outubro de 1957 em casa pequena e modesta, pensou-se logo num Seminário que pusesse satisfazer as exigências modernas. As obras começaram em 12 de Janeiro de 1964 e só terminaram em 8 de Dezembro de 1970. É um edifício grande, de linhas sóbrias, com capacidade para 100 alunos internos, que custou 5 750 000\$00.

### Crónica da Cidade

(Continuação da pág. 3)

veiro Lopes, fazendo daquele centro de construções o subúrbio mais urbanizado da Praia,

Mas até quando teremos de percorrer estas vias pedregosas e poeirentas para lá chegar?

Esperemos que o programa de transportes urbanos arraste atrás de si um programa de recuperação e modernização das vias de acesso..

LORENA

### As Irmãs Missionárias

(Continuação da pág. 2)

Achadinha e a escola do Bairro Craveiro Lopes dirigida, por uma irmã em 1958 uma escola primária particular em Santa Catarina e em 1959 o internato das raparigas no mesmo local.

Em 1967 deu-se início ao 1.º ciclo liceal.

Recentemente foi criada nova comunidade na Calheta de S. Miguel, onde três irmãs se dedicam a tarefas de ensino, catequese e saúde.

São ainda as irmãs que estão dando assistência às crianças recém nascidas bem como às mães, por toda a ilha, em missões ambulantes.

### Coluna POP

(Continuação da pág. 11)

peçoas a sentir que algo de novo tinha nascido. Conforme à teoria atrás exposta, o jazz deve-se a uma deturpação ou seja ao facto de os negros que começaram a viver não terem cursos de conservatório. Porque os negros de Nova Orleães que em 1900 tinham cursos de conservatório (e havia -os embora poucos) nunca inventaram nada de parecido.

Por volta de 1950 falou-se muito de rock, e talvez mais de Elvis presley. Para os amadores de jazz de então, o rock'n roll apareceu como uma brincadeira de rapazes para quem os blusões de couro eram quase mais importantes do que a música. A audiência mundial do rock permite-nos hoje ser um pouco menos purtianos e não reflectir à base de defesa. O facto é que o rock, socialmente, conseguiu tomar conta dos dancings e atirar com o jazz para as academias. Foi a morte do jazz como música pop, sinónimo de popular..

O reinado efêmero do rock foi ultrapassado, na década de 60 pelo pop, no sentido mais estrito, de que são expoentes máximos os Beatles e os Rolling Stones. E do mesmo modo que o rock representa musicalmente, uma simplificação do jazz, assim o pop representa uma simplificação do rock. É preciso não esquecer que os Beatles, o que é normal, começaram por copiar a forma de tocar e até o nome de um conjunto de rock norte-americano.

Saltando um pouco-esquecendo Bob Dylan e a actual música psíquica-vamos terminar analisando um termo nada significativo, mas que fez carreira: música moderna Este termo nasceu da polémica com outro: música clássica. Ora chamar música moderna à música pop é esquecer que há músicos "clássicos"-modernos, perdoe-se trocadilho, tais como Messiaen, Xenakis e outros, que merecem muito mais esse epíteto que a quase totalidade dos músicos pop. Uma vez mais a confusão..

A T L Â N T I C O

A T L Â N T I C O

A T L Â N T I C O

A T L Â N T I C O

A T L Â N T I C O

A T L Â N T I C O

A T L Â N T I C O

A T L Â N T I C O

A T L Â N T I C O

A T L Â N T I C O

? ? ? ? ?



Somes  
mil  
milhões  
de jovens  
no mundo



# rampa de lançamento

## TREVAS

conto por S. T. A.—III

O carro deslisou em cima do cais, deixando-o para trás. Os mastros dos navios à mesma velocidade se iam afastando numa corrida imóvel.

Quase na Praça Nova alguém fez ao condutor sinal para parar.

—Quem é aquele? —perguntou

## Exigência

Muitas vezes balbuciei  
a meiga palavra Pai  
raras vezes (nunca) obtive  
a resposta que anseiei.

Lamento meu triste fado.  
Idealizo o paternal amor  
mas não o conheço:  
apenas sei que é tarde: sou um deserdado!

Se a vida é caminho, andar,  
à procura de uma qualquer coisa,  
eis a razão da esperança.

Mas aqueles que educam  
(profissionais companheiros de viagem)  
mostram, ou escondem o caminho?..

Alcy sem desviar os olhos do volante —algun amigo?

—Sim, é boleia para a Matiota, que ele espera, pela certa.

—Paro o carro?

—Não, diminui o velocidade ao passar por ele.

Tinham chegado perto do amigo de Aleka que, um pouco confuso com a pessoa do volante, pensou ter-se enganado.

—Chegaste tarde, pá, já tenho a lotação esgotada.

—P... M... —disse Carlos a meia voz —quem é esta? —perguntou em crioulo.

—Uma amiga. Vamos à Baía das Gatas.

—Então, ciao —despediu-se Carlos batendo com a mão na porta do carro.

Percorreram a R. Lisboa, entraram na R. Dr. Nunes de Oliveira e pararam quase no fim dela. Aleka desceu do carro e instantes após fechou a porta de casa atrás de si.

Pouco demorou. Saiu envergando uma camisa azul e calção de Praia, preto.

(Continua na pág. 11)

## VALE A PENA VIVER

A experiência que eu tive no princípio deste ano que começou, foi muito dolorosa e trágica, para que eu a possa esquecer por mais anos que passem sobre mim: a morte do meu Pai, do meu melhor amigo, do meu único grande amigo! Morte brutal, repentina, imprevista! Assistir aos seus últimos momentos, vê-lo expirar, enquanto o Padre lhe dava a Santa Unção — vê-lo ficar com o rosto imóvel, mas com um sorriso tranquilizador, um sorriso de quem está mais tranquilo «Lá» do que cá, . . .

Depois de tudo isto, pergunto a mim mesmo: «Senhor, vale a pena?!» «A vida, vale a pena?» «Vale a pena porventura viver?» . . . «Para isso?»

Dirijo-me hoje, neste artigo, àqueles que vivem desesperados, àqueles que vivem longe de Deus, para lhes afirmar com confiança que «Vale a pena Viver».

Sim: Vale a Pena Viver, quando um sonho nos conduz para Deus. . . Vale a Pena, quando os nossos pais nos deixam não uma herança material, mas sim uma herança muito superior, que é nem mais nem menos do que a Fé em Deus, o amor à verdade — é quando norteamos

a nossa vida e a dirigimos completamente para aquilo que é Eterno e Imutável.

As contrariedades da vida não devem desmentir-nos a nossa certeza da Eternidade. A morte de uma pessoa justa e boa garante-nos que não é vã a nossa ansiosa expectativa. Cada passo que damos é mais um degrau a aproximar-nos de Deus. Cada passo que damos, não passos vacilantes, mas os passos confiantes de um verdadeiro cristão. Caem ao nosso lado uns e outros. Também durante o duro combate da vida aqueles que nós mais amamos. . . e nós, corajosa e ousadamente, tomamos o estandarte daqueles que tombaram e prosseguimos! Pai, meu bom e querido Pai Do Céu, onde por certo deves estar — morreste como um justo, foste Bom, Caridoso e Leal, enquanto viveste! —do Céu, dá-me um conselho, aponta-me um Caminho.

Fazer por que a vida seja válida e não truncada. Válida, por acções, válida pela caridade dos nossos actos e pela humildade da nossa conduta. Válida, por sabermos perdoar,

(Continua na 11.ª pág.)

Beto

posso fazer por ti. — A senhora passou-lhe as mãos pelo cabelo num gesto maternal.

O rapazito apareceu à hora marcada. A senhora tomou-lhe o nome e inscreveu-o na lista dos rapazes pobres do Instituto de Assistência.

A vida dele mudou de rumo. Saiu do inferno em que se achava para encontrar uma direcção.

Agora tinha o suficiente para viver. Café, almoço, jantar e lugar para dormir.

8

Passados três anos a senhora arranhou-lhe emprego na Câmara Municipal. Varredor de ruas da cidade.

Levantava-se cedo. De madrugada: ainda sob o clarão plácido da Lua.

Apanhava a vassoura de palha e o carrinho de lixo e subia para a cidade. Morava num subúrbio. Quando chegava encontrava as lâmpadas da cidade acesas.

Alguns rapazes madrugadores passeavam, de livros na mão, debaixo das lâmpadas.

Varria, apanhava o lixo e continuava rua abaixo, sempre com aquele zás-trás da vassoura sobre a calçada, como marulhar de ondas.

O Sol despontava no horizonte calmamente naquele dia. As lâmpadas tinham-se apagado. A claridade aparecia e com ela o bulício dos empregados de obras e das criadas que vinham à cidade.

Estava a varrer na rua do Corvo. Parou e foi até ao parapeito contemplar o mar. Gostava daquela água azul-esverdeada. Dava-lhe esperanças. Apreciava, de ouvido atento, o vai-vem contínuo das ondas sobre os seixos.

Um estudante abeirou-se dele. Deu-lhe uns "bons-dias" gutural e puxou-lhe conversa.

—Gostas do mar? —perguntou-lhe o estudante.

—Muito — respondeu Beto lacónicamente.

—O que te atrai ao mar?

—Bem, o mar, em si, não me atrai. O que me atrai é a "terra-

8

Deserdados

—Quero, sim. — apressou-se Beto.

Os dois rapazitos, agora amigos, passeavam pelo mercado, sempre com os olhos arregalados.

—Como te chamas? — perguntou Beto.

—Chamo-me António. Não tenho pai. Minha mãe está doente e mandou-me vir buscar comida.

—Teu pai morreu?

—Não sei. Não tenho pai. Mamã nunca me disse quem era. Talvez seja algum soldado. Mamã era muito amiga deles. . .

Continuaram o passeio. Depois foram ao quartel ter com o capitão.

6

Meio dia e meio, bateu na Câmara Municipal. No quartel, um soldado empunhou uma corneta e soprou. Sinal do almoço.

De todos os lados saíram soldados. Lavaram os seus talheres e formaram diante do refeitório.

Um cabo apareceu, com uma lista, à porta. Chamou: 17 de 69. Uma voz ao fundo da formatura respondeu "pronto".

Continuou a chamar. Quando todos foram chamados, ele mandou-os entrar, nove a nove, no refeitório.

Meia hora depois o almoço terminou. Os soldados saíram. Uns com bananas, outros com pão e outros sem nada.

Lá no fundo, na porta de armas, encontrava-se um grupo. Era constituído por crianças e mulheres pobres.

A um sinal da sentinela, entraram. Uma mulher, de entre aquele grupo, dava muito nas vistas. Era alta e jovem — tinha os seus trinta anos — mas um pouco gasta. Devia ter passado muito mal na sua vida. Vinha com uma roupa toda esfarrapada. Na ilharga tinha um filhito; ao colo um outro maior, e na mão livre uma lata, dessas de tinha, vazia. O rosto, esse espelho da vida, denunciava-a como uma pessoa que levava uma vida regular e que por qualquer motivo (talvez por causa de um desgraçado que lhe pôs um filho na barriga e a largou, ou talvez por qualquer outra razão da mesma ordem) caiu num abismo, lutou para se salvar mas não conseguiu, e lá foi mergulhando cada vez mais até se

5

## Sociedade Luso-Afrinana L.<sup>da</sup>

End. Tele. ANIL — Praia

Importação

Exportação

Representações

### SÉDE EM LISBOA

Rua dos Fanquelros 62 1.º

Telefs 325417-362251-2-3

End. Teleg.: Cutra—Lisboa

## CASA MOEDA

TELEFONE, 212


Praia—CABO VERDE

PREFIRA O MELHOR:

Novidade,

bom gosto

e bons preços

 Visitando esta Firma

### Beto

ornar uma desgraçada. Tinha um rosto oval, os olhos de um azul marinho, nariz achatado sobre os lábios grossos, e as maçãs do rosto castanhas escuras como carne pisada. O busto, que dantes seria saliente, estava agora descaído. O cabelo estava trançado mas sujo.

Do grupo também sobressaíam uma rapariga pretinha dos seus dezoito anos, pretinha, de olhos vivos e atrevidos, e dois rapazitos, Beto e António, Vinham de calças curtas, pés no chão sem sapatos, olhos espantados e rosto sujo.

Beto era um rapazinho escuro, de barriga inchada, magro, rosto comprido com beiços puxados, nariz largo e olhos profundos.

António já tinha um aspecto menos infantil. Parecia rato de cidade em relação a Beto, rato de montanha. Tinha um nariz adunco como de papagaio.

O grupo chegou ao refeitório. Cada um pôs a sua caneca em fila, diante da porta. O cozinheiro veio com uma panela de macarrão e despejou-o nas canecas e nas latas.

Os rapazitos foram os primeiros a serem despachados. Meteram as mãos sujas dentro das canecas e comeram.

A rapariga pretinha tirou a lata da mulher de dois filhos e colocou a dela à frente. A mulher aborreceu-se com aquela atitude. Chamou à rapariga de atrevida e esfomeada. A rapariga ripostou:

—Vou dizer ao capitão aquela coisa. . .

A mulher, desconfiada, perguntou-lhe:

—O que é que vais dizer ao capitão? De mim nada tens a dizer. Eu sou uma mulher franca. Não sou dessas que vês por aí. Não troco a minha dignidade nem a dos meus filhos por uns miseráveis cinco escudos. —Não calou, a rapariga tinha-a tocado no seu ponto fraco — Serei honesta até na morte, mesmo debaixo da terra. . .

Um soldado que estava a ouvi-la e que não acreditava no que ela dizia, interpelou-a:

—Lá, debaixo da terra, mesmo que não queiras!

O cozinheiro, que não estava para discussões, mandou-as embora. Não lhes deu almoço naquele dia.

Quando saíram na rua a mulher deu à rapariga com a lata na cabeça. Guerra. Pegaram-se nos cabelos e puxaram. Deram bofetadas. Por fim um polícia levou-as para a cadeia.

### Deserdados

7

Passaram três meses. Beto ambientou-se com a vida da Praia. Porta do quartel. . . Mercado. . . Porta do Cinema. . . Vadiagem. . . Dormir na rua. . . Guerra. . . Batota. . .

As calças já estavam encardidas e rotas. Precisava de umas mais novas. A camisa estava toda remendada, parecia uma camisa às quadras.

Novembro, o frio começou. Era necessário um agasalho para se defender e ele não o tinha nem podia comprá-lo.

Todas as noites ele sentia uma brisa penetrar-lhe na carne, gelar-lhe o corpo e pô-lo a tremer. Um arrepio, como o de medo, percorria-o de cima para baixo. Isso dava-lhe vontade de apertar qualquer coisa, de encolher-se ou então fumar.

Um homem, apressado, passou e deitou uma ponta de cigarro para o chão. Uma beata. À noite uma beata sabia-lhe bem. Era como um companheiro, quando estava só Pelo menos ao fumar sentia-se extasiado. Metia-se no campo da meditação.

Beto apanhou o pedaço de cigarro e pôs na boca. Os pensamentos e preocupações vieram-lhe à cabeça. "Amanhã vou a casa daquela senhora do Instituto pedir-lhe para me arranjar agasalho"... Chupou o cigarro e deitou duas baforadas, "Onde vou dormir hoje?" Tantos eram os seus problemas que não sabia em qual pensar. "Quando for grande sairei desta terra..."

Do cigarro só restava o filtro. Deitou-o fora e foi à praça pernoitar. Lá ficou até ao amanhecer do dia seguinte.

De manhã cedo foi ao mar. Tomou banho e observou o horizonte. Viu-o tão longe que mal pôde acreditar que mais além houvesse terras.

"Algum dia serás a minha estrada de salvação. O meu sonho é caminhar. . ."

Às oito horas apareceu na casa da senhora do Instituto.

Senhora, sou pobre, não tenho mãe nem pai. Vim pedir-lhe um agasalho. — Lágrimas descaíram pela face de Beto.

—De onde és tu?

—De Orgãos. Vim há três meses.

—Olha, aparece lá para as dez no Instituto para eu ver o que

# TREVAS

(Continuação da Pág. 9)

— Por aqui — apontou o furriel por uma estreita rua — depois há uma estrada que nos conduzirá à praia.

— A estrada é boa?

— Está toda calçadada.

O calor era intenso, as árvores e ramos secos apenas projectavam na estrada uma sombra triste e cadavérica.

— Deço a capota? — perguntou Aleka voltando o olhar para a companheira.

Em resposta, esta arrumou o carro à beira da estrada. Desceram, e com movimentos rápidos fizeram com que o sol inundasse o interior da carrinha.

O carro gemia nas curvas, derapava e fazia-as com velocidade medonha.

Momento após, as casas perto da praia apareceram, na maioria brancas e compridas, desalinhas e formando ruas tortuosas,

Alcy exigiu mais do carro, pondo o acelerador no soalho. O ponteiro das rotações marcava loucamente e o do conta-quilómetros avançava para cento e quarenta.

Alex, ao lado, ia imperturbável e alheio à velocidade.

Uma curva traiçoeira surgiu sem um prévio sinal, entre as primeiras casas.

Rápida, a condutora procurou abrandar a marcha, reduzindo a velocidades e travando com cautela. O carro estremecia, o motor gemeu com a primeira, o ruído amplificou-se entre as paredes e a frente do Fiat passou mesmo rente a uma.

Ambos respiraram aliviados.

— Previa o pior — desabafou a rapariga com voz cansada — não contava com isto.

— Felizmente passou. Só pensava em ti...

Ela voltou por instantes o rosto para o companheiro. Pela expressão, o manco parecia ter-se arrependido de pronunciar aquela frase.

A chave de ignição foi rodada para a esquerda, e o motor calou-se.

A praia estava quase deserta. O mar transparente a reflectir o azul celeste e a sombra das gaivotas esvoaçando rente às árvores. O bar ainda estava fechado. Um homem idoso banhava-se, espargindo a água com as mãos. Um pouco mais longe, perto da prancha, uma velha de touca branca, rosto vermelho, nada, voltando-se de quando em vez. Na areia, uma criança brincava construindo cercas que depois tentava, em vão, encher de água, com um balde-brinquedo. Sorria, corria para as ondas, vinha com o balde cheio, despejava-o, e a areia tudo sorvia. Imobilizou-se por instantes, levantou o rosto inocente e olhou para os recém-chegados, já na praia. Ao passarem pelo garoto, Aleka acariciou-lhe os cabelitos compridos, e afastaram-se pelo areal moreno.

Alcy pousou a bolsa na areia, descalçou os sapatos esfregando os pés um contra o outro, enquanto desabotoava a blusa.

Os sapatos, a blusa e as calças estavam amontoados desordenadamente. O corpo escultural, tinha-o metido em duas peças azuis do seu bikini. Ficou de pé por instantes e depois, estendendo a toalha sobre a areia, deitou-se nela.

Miravam aquele corpo os olhos do furriel. Extasiado, petrificado, ali ficou até se fazer ouvir a voz dela.

— Chega-me a bolsa, por favor.

Com gestos maquiais e distantes ele chegou-lhe a bolsa, donde ela

retirou um tubo de creme e os óculos de praia. Quedou-se de novo, e em silêncio.

Aleka despiu a camisa e pôs-se a saltitar na areia, observado pela companheira, que o fixava. Parou...

— Praticavas ginástica?

Sim, um pouquinho da sueca

O céu estava limpo e as águas mais transparentes.

— Aleka, porque aceitaste a minha companhia sem me ter conhecido? — disparou a Alcy.

— Não sei! Também pergunto porque aceitaste a minha.

— Também não sei, — respondeu a rapariga, voltando-se para o furriel — mas há algo que me faz acreditar em ti, há algo que me faz compreender o teu silêncio. Sofreste?

— Sim, sofri... podia sofrer menos se antes tivesse encontrado alguém que não sei onde se encontra.

— Amavam-se? — perguntou Alcy num tom triste.

— Não sei. Apenas estou certo de que lhe dava mais do que amor... Mas falemos de outras coisas. O passado, as recordações do passado só me trazem desolações... Agora me lembro. Um dia alguém me dedicou uma poesia em que escreveu: "não vivas de recordações... que elas te trarão desolações".

— Eu também sofri, e não quero falar agora do passado.

— Que tal um mergulho?...

Correram de mãos dadas de encontro às ondas e desapareceram por instantes debaixo delas. Quando voltaram à superfície, pareciam esquecidos do mundo e do passado.

Alcy nadava à frente, fugindo à perseguição do companheiro. Mas acabou por parar, ofegante, procurando apoio no falso perseguidor.

— Há... muito... não nadava.

Aleka pareceu estremece quando sentiu as mãos da rapariga segurarem-lhes os ombros.

O casal de velhos e a criancinha tinham já abandonado a praia. Estavam demasiado sós. Os dois, a solidão do mar, a tentação que tem o dom de perseguir aqueles cuja inspiração só vem com o sofrimento...

Os braços dele envolveram-na subitamente, ela viu-se atirada para fora da água, mergulhando de novo. Emergiu rindo e aturando os cabelos para a nuca. Para ela, inocente, foi uma brincadeira. Para ele, porém, foi um instinto de revolta, um instinto aprendido no passado.

— Outra vez, Aleka, foi tão bom!

De novo ela rodou no ar e caiu na água.

— Alcy, vamos passear de bote, queres?

— Vamos, Gosto imenso.

Alugaram um bote e afastaram-se da praia nas águas mansas e costeiras.

Aleka remava com calma e em fortes impulsos. A companheira, sentada no banco da popa, inclinava-se na borda, remexia a água com as mãos, em silêncio. Mas entre os lábios carnudas guardava sempre um sorriso.

— Há muito tempo... — começou Aleka olhando a costa — há muito tempo fazia eu parte duma malta que, não tendo outras diversões, se divertia nas semanas de verão fazendo uma jangada de madeira boiando em câmaras de ar. Aos domingos íamos todos exultantes experimentar a nossa obra.

— E andavam nela?

— Sim, atravessávamos o porto da Praia de um lado ao outro, e era uma vitória quando chegávamos à prainha.

— Devia ser emocionante, brincadeira tão perigosa! — disse a rapariga com olho de criança que escuta contos de fadas. — conta, gosto de ouvir alguém falar da infância de menino pobre. Não eras rico?

— Não, nunca fui rico. Se o fosse arranjaria outros brinquedos.

— Que mais faziam?

— Certas férias da Páscoa, enjoadado da cidade... — Aleka remava e contava as historietas como se estivesse a vivê-las — fui para casa de um amigo em Santa Catarina. Passados três dias apareceu a malta. Tinham ido buscar-me. Apesar da

(Continua no próximo número)

## VALE A PENA VIVER

(Continuação da pág. 9)

quando os outros não perdoam; por pagarmos o mal com o Bem e a injúria e a ofensa, com o perdão! Válida, por termos amado intensamente aqueles que Cristo fez nossos pelo sangue, válida por tudo isto e pela afirmação da nossa fé!

Pai, foi isto que me ensinaste nos catorze anos da vida que vivemos juntos (desde o meu nascimento até à tua Morte...)

Vês? escrevi «Morte» com letra maiúscula, porque morreste e a «Morte» deixou de me meter medo! — o teu rosto esculpido em mármore, imóvel e frio, era belo, naquele momento derradeiro: Sorrias! Pai! Porque sorrias Tu? Que viste, quando Cristo te estendeu os braços para receber-te?

Valeu a pena viver? Foram tão poucos os anos da tua vida! Os do mundo disseram que tu não fizeste nada de grande. Todos concordaram que eras Bom. Mas, para eles, não foste mais do que isto!

Mas para mim... para mim, que te conheci, que me estreitaste nos braços em pequenino, que me estendeste as mãos (aquelas mãos Grandes, Suaves, Generosas!) que me ergueste nos ombros, orgulhoso e altivo, que me falaste, que rezaste comigo e com todos nós... para mim... foste um símbolo.

Tu foste para mim o Cristo, o Homem, o Santo. Ah! Se tiver de escolher um modelo, é a ti que o irei buscar, para seguir-te e ser igual a Ti. E, porque tu exististe (igual a Ti e diferente de todos!) — Pai, eu compreendi ao ver no teu rosto bom a imobilidade da Morte, aquilo que a mim mesmo perguntava e obtive, de Ti, a resposta que buscava: sim, Vale a Pena Viver! — viver para ser Justo; viver para ser Santo! Não o mais do que isto: viver para merecer a Eternidade.

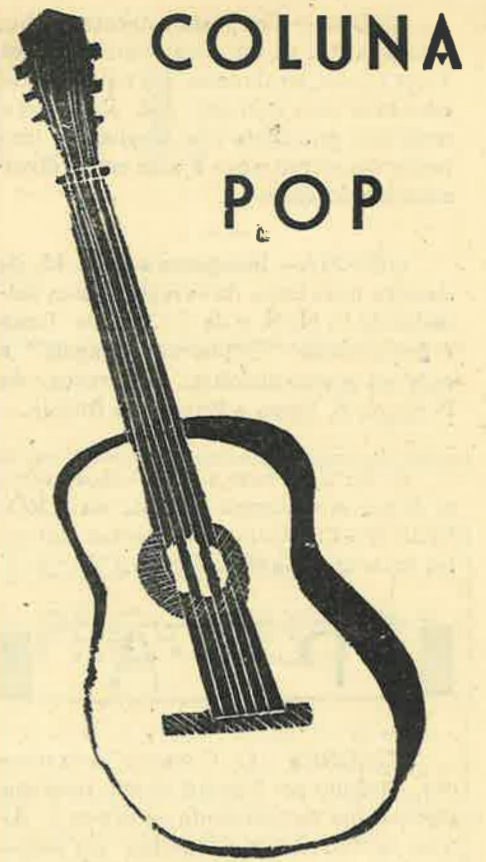
Há dias, encontrei entre uns velhos papéis uma poesia de um poeta obscuro — os poetas obscuros, as vezes, dizem grandes verdades esclarecedoras e maravilhosas... Essa a razão porque vos deixo, para meditardes, os últimos versos dessa poesia, a rematar este pequeno trabalho, que é a homenagem a uma Vida bem vivida, a uma Vida que vale a pena ser vivida:

"Por tudo quanto é Belo,

Mesmo que a alma transborde em sofrimento, Em lutas e incertezas,

Vale a Pena Viver!"

Mário Martins



Os termos com que, vulgarmente é designada a música popular são objecto das mais estranhas confusões, de modo a dispistar qualquer boa vontade que queira reflectir um pouco sobre eles. De facto, ter coragem de o fazer é jogar com o paradoxo. Porque a origem e a essência da música popular situam-se no pólo oposto ao da reflexão metódica, ou seja, o do impulso espontâneo para a criação de uma arte de que se não conhece todos os segredos. A minha intenção é pois, no limiar desta nova secção, tentar explicar, tanto quanto é possível, a música popular, quer nas suas formas folclóricas como nas evoluídas já que ambas, segundo penso, têm origem no mesmo processo criativo,

Um perito em folclore, Rodney Gallop, escreveu já que a música popular se apoiava em duas fontes primárias, funcionando em círculo: a criação de temas originais pobres e simples, e a deturpção dos temas complexos aprendidos da música erudita. Se bem que ele se refira ao caso especial do folclore agrícola da civilização europeia, a sua afirmação mostra bem como a raiz de qualquer música popular se situa, como dizíamos, no pólo oposto da reflexão metódica.

Em consequência, o aparecimento deste ou daquele nome para caracterizar um novo estilo de música popular é geralmente envolto em brumas de incerteza. O nome aparece sem se saber de onde veio e porque veio. Não nasceu de um indivíduo mas da comunidade social. A única perspectiva válida, pois para tentar elucidar-nos é procurar o fio da tradição e desenrolá-lo.

No fado, por exemplo, ninguém é capaz de dizer, com certeza indiscutível, qual a origem deste nome, que, aliás se usa apenas a partir do século XIX e aparece primeiro no Brasil do que em Portugal. Por outro lado, se alguém julga que o fado é algo de muito original, enganase; nada há de menos original, sendo o mais certo que o fado é o resumo de todas as influências sofridas pelo povo de Lisboa, desde as europeias até às tropicais. A única originalidade do fado reside no facto preciso de ele ser uma síntese que nenhum outro povo conseguiu fazer.

No jazz tudo é também muito incerto quanto à formação do nome, adontecendo até que lhe foram atribuídos os mais variados, conforme os diversos matizes por que passou. A criação do jazz é mais um ponto de chegada do que um ponto de partida. Se, em 1902, Jelly Roll Morton podia dizer, com certa euforia: "Eu inventei o jazz"; só queria significar que era uma das primeiras

(Continua na Pág. 8.)

LISBOA— Foi posto a debate público pelo Ministro da Educação Nacional, prof. Veiga Simão, em Janeiro, um novo sistema educativo para Portugal. São suas características principais uma ampliação, uma maior democratização e uma maior diversificação do ensino.

GÉNOVA— Inaugurou-se em 15 de Janeiro nova linha de navegação com unidades da C. N. N. e da S. G.. Esta linha é denominada "Mediterrâneo-Angola" e escalará portos da Itália, da França, de Portugal, S. Tomé e Príncipe e Angola.

N. R.: Com base em publicação oficial demos erradamente notícia, na CRÓNICA DA CIDADE, de que estas carreiras tocariam Mindelo e Praia.

## P A

LONDRES— O Governo conservador, chefiado por Edward Heath, resolveu efectuar um fornecimento de armas à África do Sul, contra a opinião dos membros africanos da comunidade britânica, que alegam desfinarem-se os mesmos a prejudicarem-nos.

VIETNAME— Os bombardeamentos sobre o Vietname do Sul, desde o princípio da actual guerra, totalizam 1.377.000 toneladas, contra 1.540.000 lançadas sobre a Europa durante toda a 2.ª guerra mundial, segundo o governo de Hanói.

Desde o princípio de Janeiro que toda a força aérea dos E. U. A. presente naquela zona bombardeia os acessos do Vietname do Norte para o Sul e para o Camboja, com o fim de enfraquecer a preparação de uma ofensiva em grande escala, prevista para antes de Maio.

## R A

EGIPTO— Foi inaugurada em 15 de Janeiro a barragem hidro-elétrica de Assuão, que levou 10 anos a construir. Nela trabalharam 37.000 egípcios e russos. Beneficiará 4.046 povoações, que levarão outros 10 anos a electrificar. Tem uma altura de 111 metros, por uma espessura na base de 980 metros. O novo lago (Nasser) pode conter 157 bilhões de metros cúbicos de água. A energia produzida ascenderá a 2.100 megavátios. O seu custo foi de 20.040 milhões de escudos, incluindo uma comparticipação da União Soviética de 7.120 milhões.

LISBOA— Passados mais de dois meses sobre a data em que deviam ser recolhidos os boletins de recenseamento, apenas se conhecem resultados parciais. De notar que em alguns concelhos da metrópole, devido à emigração, se verifica um decréscimo populacional em relação a 1960 (Tabuaço -distrito de Viseu -menos 29%; Sobral de Monte Agraço -Lisboa -menos 9%). No concelho do Entroncamento houve um aumento de 23,6%.

LISBOA—Resultado da fusão de dois jornais - "A VOZ" e "DIÁRIO DA MANHÃ" - surgiu novo diário na capital - a "ÉPOCA" - cujo director é o conhecido jornalista Barradas de Oliveira, que exercia já a mesma função no segundo dos extintos.

WASHINGTON—Inesperadamente, o presidente Nixon propôs a concessão de 3.270 milhões de dólares à N. A. S. A.. "Esta atitude representa o termo de um declínio iniciado há 6 anos, quando a agência, então no auge do programa Apollo recebeu uma verba que ultrapassava os 5.000 milhões de dólares" - afirmou a direcção daquela agência espacial.

## N O

LONDRES— Faliu a famosa fábrica Rolls-Royce, célebre desde o primeiro quartelão deste século, quanto surgiram os primeiros modelos automóveis do mesmo nome. A falência foi devida a erros de cálculo sobre as despesas de fabrico de um novo motor destinado a equipar os autocarros aéreos TriStar, da companhia americana Lockheed Corporation.

PORTO — Foi absolvido o pároco de Macieira da Lixa, rev. Mário Paes de Oliveira. Fora preso há 6 meses sob a acusação de actividades subversivas, desrespeito a entidades oficiais e propagação contra a defesa do Ultramar. Nenhuma destas acusações fora provada. Defen-

## M A

deu o arguido o deputado dr. José da Silva e depôs em sua defesa o bispo do Porto. O delegado do Ministério Público interpôs recurso para o Supremo Tribunal.

# A VOZ PAROQUIAL

## EM FOCO LIVROS

### A Crise do Petróleo

Esteve iminente a paralização da "Máquina-japonesa" e de muitas indústrias europeias, por falta de petróleo. Efectivamente, 90 por cento do combustível consumido no Japão e metade daquele que a Europa Ocidental necessita é proveniente dos estados do Golfo pérsico. Estes países agruparam-se na O. P. E. P. (Organização dos Países Exportadores de Petróleo) à qual pertencem ainda a Venezuela, Líbia, Argélia e Indonésia, representando 85 por cento das exportações mundiais de petróleo. Conscientes do enorme poder que lhes confere uma tão marcada posição no mercado do "ouro negro", exigiram das companhias ocidentais que negociam com aquele produto, um substancial aumento de preço, que lhes permitirá um lucro superior a 1.200 milhões de dólares em relação às receitas que actualmente arrecadam.

Perante a ameaça de um embargo a todos os fornecimentos de petróleo por parte dos membros da O. P. E. P., as treze maiores sociedades norte-americanas e europeias envidaram esforços para que se chegasse a um acordo. Dispostos a aceitar um aumento de preço, recusavam-se a ceder perante o que consideravam uma chantagem—mais 35 centimos do (dólar) por barril, atribuindo à Líbia, que ocupa o quinto lugar entre os fornecedores do mundo ocidental, a liderança do movimento.

Entretanto, se as diligências das companhias não fossem bem sucedidas e a Líbia exercesse represálias, cortando os fornecimentos, dentro das medidas que os Estados do Golfo se propunham adoptar, viria a verificar-se um significativo aumento de preço e o racionamento na Europa, além de que consequências bem mais desastrosas seriam de prever, à escala mundial.

Finalmente, e após 27 dias de conversações, terminou a conferência de Teerão em que foi firmado um acordo, donde as companhias, ainda que batidas, trouxeram a garantia—embora relativa—da estabilidade de preços durante um período de cinco anos.

Para já, resulta-nos a certeza de que os preços da gasolina e seus derivados se movimentarão em curva ascendente

Armando Simões

Ficha: Os Hippies

Crónicas sobre o movimento hippy dos correspondentes do magazine Time Publicações Europa-América, Lisboa

Os hippies como novo fenómeno social, fascinam e alarmam, divertem, irritam e inspiram um grande número de americanos.

Para saber quem são realmente os hippies e o que eles querem provar—se é que eles provam qualquer coisa—à nação americana, o magazine Time encarregou vários jornalistas da sua equipa de fazerem um inquérito acerca deste subproduto da sociedade em que vivem.

Os correspondentes da Time exploraram o mundo hippy e proporcionaram-nos neste livro o conhecimento dos seus costumes, a sua linguagem e a sua filosofia. Como o trabalho foi realizado na maior parte das grandes cidades americanas e capitais europeias a panorâmica que nos é oferecida engloba toda a dimensão do "movimento hippy".

Os hippies não constituem um bloco homogéneo—"por muito difícil que seja fazer julgamentos justos e precisos sobre os hippies, podemos, no entanto, salientar alguns traços característicos: são, na maioria, jovens brancos, oriundos da classe média, instruídos, dos 17 aos 25 anos de idade (mas também se encontram hippies de 50). Providos abundantemente das qualidades que tornam a sua geração tão sedutora, tão incompreensível e tão exasperante, desligam-se voluntariamente dum modo de vida que lhes parece baseado exclusivamente no trabalho, no standing (situação estabelecida) e no poder. Desprezam o dinheiro—a que chamam "pão"—bem como o instinto de propriedade. Descobriram, como muitos autores românticos—de Rimbaud a George Orwell—que não é assim muito fácil morrer de fome—daí a diversidade dos testemunhos apresentados ser bastante esclarecedora.

As reportagens que compõem este livro formam um conjunto que dá uma imagem muito completa do fenómeno hippy.

Armando Simões

## Visita do Presidente do Conselho à Província

(Continuação da 1.ª pag)

a crise. No Mindelo foram visitadas as poucas indústrias existentes.

De resto, os contactos de Marcello com populações, sempre muito abertos por parte dele.

Os discursos que aqui e ali lhe foram dirigidos por populares insistiram sempre no portuguêsismo incontestado do povo caboverdeano e na boa resolução que as ajudas e o trabalho dos governos central e local deram aos problemas criados por esta crise trienal motivo da visita. Os populares que em toda a parte se aproximavam de Marcello Caetano completaram com seus elogios, pedidos e queixas o formalismo daqueles.

De salientar ainda uma reunião de trabalho em que estiveram presentes, além do primeiro ministro, o governador, o secretário geral, o chefe de serviços de saúde, o engenheiro-chefe da brigada de estradas e o presidente da comissão executiva do Centro de Estudos, na qual se abordaram problemas relacionados com a crise e a sua resolução.

Depois da partida ficou connosco a promessa: "o governo continuará junto de vós a fazer tudo quanto esteja em seu poder para vos ajudar, até se vencer esta difícil crise e conseguir que Cabo Verde continue a senda do progresso, continue a caminho daquilo que todos nós desejamos: que esta terra passe a ser verdadeira mãe dos seus filhos".

Efectivamente, parece ter-se concretizado o anúncio do Sr governador Lopes dos Santos quando regressava da Metrópole em Janeiro p.p. de uma substancial ajuda por parte do governo central a Cabo Verde, e tão substancial que parece ultrapassar de longe o montante do orçamento anual da Província.

Resta cumprirmos justo desejo de Marcello Caetano: "espero que todos compreendam o significado desta minha visita e que todos continuem a ajudar o governo na realização dos seus propósitos até se levar a bom termo a situação que se realiza na Província".



Como sempre, MARCELLO CAETANO no meio do povo